



## “O PONTO DE VISTA DO NATIVO”<sup>1</sup>: VIVÊNCIAS E PRÁTICAS NA ATIVIDADE PESQUEIRA

ARAÚJO, Ana Flávia Rocha de

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social*  
*aninha\_rochaaraujo@hotmail.com*

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social*  
*andreapirapora@yahoo.com.br*

SILVA, Queite Marrone Soares da

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social*  
*keitymarrone06@yahoo.com.br*

101

### RESUMO

O presente artigo tem como foco a análise de um grupo de pescadores no Município de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais, e suas conjunturas tradicionais no exercício da atividade da pesca no Rio São Francisco, bem como, compreender as etapas da pesca e quem é o pescador que nas corredeiras do rio construiu histórias de vida através de um saber-fazer. A pesca, sendo uma das artes artesanais mais antigas, se reinventa ao longo das gerações e dos contextos culturais ao que pertence. Neste sentido, a pesca para este grupo de pescadores, para além de uma categoria, se constituiu um modo de vida, que pautado em tradicionalidades possui uma identidade e caracteriza uma comunidade. O estar no rio, o jogar a rede, o esperar o peixe e a partilha dos territórios da pesca descrevem “homens anfíbios” que possuem regras próprias para a gestão do ambiente, que na complexidade da partilha e compartilha do território promovem a articulação do grupo e dos saberes tradicionais.

**Palavras-chave:** Rio São Francisco. Território. Pesca.

### ABSTRACT

This article focuses on the analysis of a group of fishermen in Buritizeiro County, North of Minas Gerais, and in the exercise of their traditional fishing activity in the São Francisco River contexts as well, comprising the steps of fishing and who is fisherman on river rapids constructed life stories through know-how. Fishing, one of the oldest craft arts, reinvents itself over the generations and cultural contexts to which it belongs. In this sense, the fishing for this group of fishermen, as well as a category, it was a way of life, which ruled in traditionalidades an identity and community features. The being on the river, the play network, wait for the fish, the sharing of territories fishery describe "Amphibians men" who have their own environmental management for which the complexity of sharing and sharing of territory rules promote joint group and traditional knowledge.

**Key-words:** São Francisco River. Territory. Fishing.

---

<sup>1</sup> O Ponto de vista do nativo é um subtítulo da obra “O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa” de Clifford Geertz, do qual utilizo para caracterizar a forma de pensar e viver ‘das gentes’ do lugar, especificamente do sertão do nortemineiro.



## INTRODUÇÃO

Com mais de 500 anos de história, o Rio São Francisco se faz presente na identidade, na oralidade, na vivência, nas místicas e na vida do povo ribeirinho. É a partir desta “presença” que os escritos abaixo se criam e recriam na compreensão do pescador e da pesca nas corredeiras do São Francisco, na cidade de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais.

Abordar um assunto desta relevância, especialmente nos dias atuais em que nos deparamos com uma intensa transformação do espaço natural devido às interferências do homem no ambiente se torna indispensável, principalmente numa discussão sobre o São Francisco.

O viajante inglês Richard Burton no século XIX referiu-se aos homens da beira do São Francisco como “Todos os homens desta região são mais ou menos anfíbios” (BURTON, 1977, p.173).

A canoa do tipo indígena (feita com um único tronco escavado) era a que predominava na região, depois foi substituída pela canoa de origem europeia (construída com tábuas com que formam o casco e as laterais e as fendas são vedadas com resina). As balsas, barcas, gaiolas (vapores) foram sendo incorporadas ao rio ao longo do tempo e de acordo com as necessidades crescentes de transporte de mercadorias, animais e pessoas, do final do século XIX até metade do século XX. (PAULA, 2009, p. 90).

Os camponeses que viviam da pesca e da agricultura de vazante na época dos escritos de Burton tinham a canoa como o seu principal instrumento de trabalho. Sob este objeto, os ribeirinhos encontravam os melhores lugares para a prática da pesca (designados como pesqueiros) e auxiliava no transporte excedente da agricultura e da pesca para as feiras no meio urbano. A canoa eventualmente era utilizada para o transporte de pequenas distâncias no São Francisco, na travessia de suas margens. (PAULA, 2009, p. 90).

O camponês que plantava no “lameiro” utilizava a canoa para, no período de vazante, ir até as ilhas onde fazia o plantio das roças. Em tempo de colheita, a canoa era utilizada para levar o produto à cidade, visando a comercialização – aos mercados, às vendas e às feiras. Vale esclarecer que o “lameiro é uma categoria êmica, pertencente à cultura do camponês ribeirinho, designando o solo das ilhas fertilizado naturalmente pelas enchentes do São Francisco”. (NEVES, 1998, p. 136).

Uma quantidade considerável de camponeses se dedicava à pesca do São Francisco, nos seus afluentes e nas lagoas marginais, Neves (1998) afirma que os pescadores ribeirinhos



eram também os camponeses da agricultura de vazante e das roças de subsistência. Eles se dedicavam a várias modalidades de pesca, herdadas dos índios.

As mais comuns eram a pesca de *chuço*, *arco-e-flecha*, *jequiti* e *tingujada*. A praticada nas lagoas era a *tingujada* que consistia na matança predatória dos peixes através da raspa de tingui uma árvore comum da região. O *jequiti* era um cesto de cipó com boca estreita que era colocado em trechos de correnteza e o peixe que descia o rio entrava no cesto e não conseguia sair. O *chuço* era utilizado para a pesca em lagoas e era confeccionado por uma ponta metálica presa a uma vara. O *arco-e-flecha* era diferente do confeccionado pelos indígenas por possuir uma ponta de ferro.

Para a pesca de peixes maiores como surubim e dourado os pescadores ribeirinhos utilizavam uma corda de onde saiam linhas com chumbadas e anzóis, chamada de *grosseira*. Amarrada em árvores ou arbustos a *grosseira* era colocada nos córregos na margem ou ficava presa a uma cabaça, ou uma pedra grande no São Francisco e nos seus afluentes grandes. Os pescadores pescavam em grupo e quando iam pescar sozinhos utilizavam dois tipos de rede, a *tarrafa* e a *manjubeira*. As duas eram confeccionadas da mesma maneira e se diferenciam no tamanho. O peixe era comercializado nas feiras e nos portos. Muito comum na região era a prática de salgar o peixe e depois colocá-lo para secar ao sol. (PAULA, 2009, p.91).

Vistos como camponeses em épocas remotas, os pescadores se estruturaram em regiões, em identidades e em conhecimentos peculiares, tornando-se uma categoria de autoafirmação. Para Diegues (2001), os pescadores artesanais são uma categoria espalhada pelo litoral, rios e lagos, que sobrevivem da atividade pesqueira, exercendo ou não outras atividades econômicas. Neste sentido, a pesca artesanal pode ser caracterizada como um sustento, que retirado do “rio” alimenta o consumo da família e do mercado consumidor.

*O material do pescador artesão é diferente do pescador profissional. Ele lida com suas coisas da pesca, de forma diferente. Ele lida com a canoa, com a rede, com a vara de pescar. O jeito de pegar, de guardar, de enrolar a rede, a tarrafa de por no saco...eu falo isso por causa do meu filho também né? Que ele é pescador, mais ele não vive da pesca. Porque o rio não tem conseguido oferecer a ele o que ele precisa. Então trabalha de carteira assinada, mais tem aquilo: quem mexeu aqui? Não mexe. Deixa aqui. Isso não ta importando pra ninguém. São minhas coisas. É minhas coisas lá do rio. E eu vejo essa prática, principalmente nos jovens né? Que ainda querem seguir essa tradição da pesca artesanal. As vezes eles jogam o saco assim, nas costas...até o jeito de carregar é diferente. Vai pra beira do rio, abri aquilo ali, mexe, amarra um buraquinho aqui na rede, na tarrafa. Conserta e vai cuidando daquilo com tanto amor, com tanto cuidado, e de repente junta tudo aquilo no saco e volta pra casa. Mais é importante inclusive cuidar daquilo na beira do rio...falar com o rio. E ai vem de novo uma questão muito do ritual. O rio também reconhece as pessoas que tem amor por ele...é uma troca*



*de reciprocidade. (Depoimento de Arlete do Graal em entrevista para Ana Flávia Rocha de Araújo – Janeiro de 2013).*

O cuidado com o material de trabalho, a maneira como tudo na pesca é preparado reforça o que chamamos de identidade, de territorialidade. A reciprocidade persistente na lógica pesqueira se expressa muito além de *dar, receber e retribuir*, mas principalmente do significado que o ato de pescar representa na vida do pescador. Seja uma reciprocidade identificada no *dar* ou vender o peixe, seja uma reciprocidade identificada na relação pessoal entre pescador e rio, seja na relação entre o pescador e outro pescador e a delimitação dos lugares de pesca. Para Marcel Mauss (2003) em sua teoria sobre o princípio da reciprocidade, o efeito da retribuição pode acontecer quando há na coisa dada uma força que obriga o donatário a retribuir.

Nas “teias de significados” dos pescadores há leis e códigos morais, práticas peculiares que são passadas de geração para geração, uma preservação do “espaço-ambiente” e um modo de vida específico. Pode-se compreender que a atividade pesqueira é uma atividade tradicional, pautada em estruturas tradicionais.

Sendo assim, a pesca artesanal nas corredeiras do São Francisco é hoje caracterizada por um grupo de pescadores, que não utilizando mão-de-obra assalariada, capturam o pescado através de técnicas manuais e de baixo custo financeiro. Contudo, com as dificuldades da pesca advindas da devastação do rio, da proibição da pesca nas corredeiras, dos pescadores amadores, existe na atualidade uma necessidade de profissionalização deste pescador. Esta profissionalização se dá com uma carteira de pescador que garante a este, o benefício de um salário mínimo durante toda a época da piracema que vai de 1 de Novembro a 28 de Fevereiro.

*Você tem que registrar como pescador profissional, aí depois de um ano você tira a carteira, aí vêm os benefícios da piracema, começa em novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. Termina em fevereiro, você ganha um salário mínimo do governo. (Depoimento do pescador Beto, em entrevista para Ana Flávia Rocha de Araújo - Abril de 2013).*

*Tem pescador que ainda pesca. Que isso daí já é antigo. Essa lei eles vieram colocar foi agora à pouco tempo, de 1994 parece que saiu essa lei, que não podia pescar no lugar que tivesse corredeiras, então eles colocaram corredeiras pra ninguém pescar por isso, nem um metro abaixo, nem um metro acima. (Depoimento do pescador Beto, em entrevista para Ana Flávia Rocha de Araújo – Abril de 2013).*



*Na verdade... desde 1998 existe a lei de crimes ambientais, onde ela estabelece ali uma medida mínima, de acordo com a largura do rio de área, que é considerada área de preservação permanente. Então você infringir, você intervir nessa área, sem autorização é considerado crime ambiental em todo o território nacional. E em qualquer ambiente aquático, não só o rio São Francisco. (Depoimento de Arlete do Graal em entrevista para Ana Flávia Rocha de Araújo – Janeiro de 2013).*

A pesca nas corredeiras é proibida durante todo o ano devido “o local onde os peixes estão... vamos dizer fáceis de ser apanhados” (Depoimento de Harley – Polícia Ambiental). Para uma maior fiscalização e comprovação desta proibição existe “a lei de crimes ambientais que é a lei 9.605. Ela pega todos os ambientes aquáticos dentro do país” (Depoimento de Harley – Polícia ambiental). Porém, apesar de toda a proibição e fiscalização, a pesca em Buritizeiro – MG é legitimada através da prática diária dos pescadores, que mesmo se expondo aos riscos da atividade e de serem pegos pela Polícia do Meio Ambiente, continuam reproduzindo o seu *saber-fazer*.

É através deste *saber-fazer* dos pescadores que o rito da pesca mostra suas três esferas: Pré-liminaridade, liminaridade e uma pós-liminaridade. Neste contexto, trago a definição de Victor Turner (2005) de ritual para melhor compreensão do que quero demonstrar na pesca das corredeiras. “Por ‘ritual’, entendo o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos”. O símbolo é a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual; é a unidade última de estrutura específica em um contexto ritual. (TURNER, 2005, pg. 49).

Para Leach (1996)

o ritual em seu contexto cultural é um modelo de símbolos; as palavras com que o interpreto são outro modelo de símbolos composto largamente de termos técnicos inventados por antropólogos – palavras como linhagem, classe, *status*, etc. Os dois sistemas de símbolos têm algo em comum, a saber, uma estrutura comum. De igual modo, uma partitura musical e sua execução têm uma estrutura comum. Isso é o que estou querendo dizer quando afirmo que o ritual torna explícita a estrutura social. A estrutura que é simbolizada no ritual é o sistema das relações “corretas” socialmente aprovadas entre indivíduos e grupos. (LEACH, 1996, pg. 78).

A relação existente entre os símbolos e quem os pratica (pescador) é o que nos permite identificar a representação deste grupo social, uma vez que são as ações destes atores que evidenciam a essencialidade do rito. Por mais simples que seja o sistema que estudamos,



nele encontramos todas as ideias e todas as principais atitudes rituais que estão na base das religiões, inclusive as mais avançadas: distinção das coisas em sagradas e profanas, noção de alma, de espírito, de personalidade mítica, de divindade nacional e mesmo internacional, culto negativo, com as práticas ascéticas que são sua forma exasperada, ritos de oblação e de comunhão, ritos imitativos, ritos comemorativos, ritos piaculares – nada de essencial falta nela. (DURKHEIM, 2003, pg. 98).

Os ritos com frequência dão a impressão de operações puramente manuais – unções, lavagens, refeições. Para consagrar uma coisa, ela é posta em contato com uma fonte de energia religiosa, assim como, atualmente, para aquecer ou eletrizar um corpo, ele é posto em contato com uma fonte de calor ou de eletricidade; os procedimentos empregados num caso e no outro não são essencialmente diferentes. Assim entendida, a técnica religiosa parece ser uma espécie de mecânica mística. (DURKHEIM, 2003, pg. 115).

O ritual forma uma estrutura de símbolos. Os símbolos compõem a territorialidade de um espaço social. É esse compor que caracteriza o rio como um território dotado de valores, de manejos, de vivências, de trabalhos. O fato de o pescador olhar o rio mesmo fora de seus horários de pesca comprova a noção de pertencimento, de ser barranqueiro/pescador.

*Então que território é esse? O rio, o hidro negócio hoje no Brasil é muito forte e cada dia ele fica mais forte. Pra você vê, os mapeamentos dos espelhos d'água aqui em Buritizeiro é uma coisa medonha. Por quê? Porque essa água ela tem um valor econômico para o governo. É aí que eu acredito que essa questão do território vai depender do olhar desses sujeitos do rio. É um território sim. É um território de vivencia. É um território de trabalho. É um território de cultura. É um território de lazer, de prazer...isso para o pescador artesanal. E esse pescador considera isso. Tanto é que, aqui em Buritizeiro nó sabemos de morte, de brigas no rio que resultou em mortes, por causa de brigas desse território. Isso é tão forte, que dentro mesmo da lógica dos pescadores, eles dividem os horários pra pesca. Quem desrespeita o horário do outro ele é chamado a atenção...fulano você esta pescando de tanto a tanto...mais como se o melhor horário é tal hora? Mais ai eles fazem lá as negociações deles...eles se organizam dentro desses horários de pesca. E enquanto essa outra pesca, reconhecida pelo governo, que é essa pesca profissional ou os turistas que chegam, eles mexem em um acordo que não é documental, mais que as pessoas respeitam. Então é uma invasão de território. E o pescador sabe viver nisso, sem precisar ser violento. (Depoimento de Arlete do Graal em entrevista para Ana Flávia Rocha de Araújo – Janeiro de 2013).*

Os ribeirinhos nesta região, ou como caracterizo neste sertão molhado que é Buritizeiro – MG entre as *travessias* nas margens do São Francisco teceram suas histórias nas tarrafas da vida e do trabalho. As tradições modificadas neste território pela modernidade dos





tempos e espaços de vida e trabalho o tornaram um *território de todos*, onde o mesmo deixa de ser um espaço de *não-lugares*, para ser um espaço de lugar. Lugar este de reprodução, de culturas, de identidades, de vivências, de uma coletividade.

O termo *não-lugar* é uma distinção ou mesmo oposição do lugar ao espaço. É onde não se cria vínculo nem relações sociais, são lugares de passagem. Para Augé Marc (1994) “os não-lugares, contudo, são a medida da época; medida qualificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície” (AUGÉ, 1994, pg. 74). São estes: meios de transporte, aeroportos, estações, parques, dentre outros.

É na pluralidade dos *espaços-lugares* e principalmente do ser deste sertão molhado, que surgem as mais diversas variações simbólicas de modos de vida peculiares, que ainda caracterizam a região, as cidades e os grupos sociais. Ser do sertão compreende a lógica de se por *no* e *do* lugar. De se representar como “ribeirinho”, “pescador”, “barranqueiro”, “sertanejo”, “pessoas do sertão”

## O RITUAL EM TRÊS LANCES

Os ritos estão presentes em nosso cotidiano das mais diversas formas possíveis, juntamente com as práticas simbólicas imbuídas dentro deles. Nascer, crescer, estudar, formar, namorar, casar, morrer, são todos ritos de passagem que realizamos durante as etapas de nossa vida. A distinção entre eles se dá nas particularidades a que pertencem, e ao valor simbólico que lhe são atribuídos. Um rito pode ser caracterizado entre profano e sagrado. Simpáticos ou de contágio. Direto ou indireto. Positivo ou negativo. Dinâmico ou Animista. E enfim, como ritos de passagem, que são divididos em três esferas: ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação.

Para Genep (1978) as três últimas categorias secundárias não são igualmente desenvolvidas em uma mesma população, nem em um mesmo conjunto cerimonial. Os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais, os ritos de agregação, nas do casamento. “Quanto aos ritos de margem, podem constituir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação, ou se reduzirem ao mínimo na adoção, no segundo parto, no novo casamento, na passagem da segunda para a terceira classe de idade, etc”. (GENNEP, 1978, pg. 112).

Os ritos de passagem admitem em seu contexto ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação), que atuam como forma de distinção e conexão



entre os símbolos dominantes e instrumentais de determinado rito. O ritual “é uma declaração simbólica que ‘diz’ alguma coisa sobre os indivíduos na ação” (LEACH, 1996, p. 76).

Ao caracterizar a pesca como rito, busquei analisa-la como um rito de passagem, que durante a sua reprodução explicita a conexão de seus símbolos através de uma preliminaridade, uma liminaridade e uma pós-liminaridade, decorrentes da práxis da atividade pesqueira.

As dinâmicas de um ritual ocorrem desde o pensar até a *práxis* de sua reprodução, pois um signo, um símbolo para funcionar deve estar ao mesmo tempo inserido no que ele significa, na sua representação social. A pesca, por exemplo, se inicia desde o saber comprar o nylon para a confecção da tarrafa ou da rede, até o ato em si de pescar. A distinção destes dois instrumentos de pesca só existe em relação ao seu manejo. “*Por que a rede é arrastada e a tarrafa é jogada. Geralmente quem faz a tarrafa e a rede são os próprios pescadores*”(Depoimento do pescador Edim em entrevista – Abril de 2013)..

O ato de fazer o próprio instrumento de trabalho demonstra o cuidado e a dinâmica simbólica presente na identidade deste grupo social. Identidade que foi e é construída no *dia-a-dia* desses pescadores sob a forma de: preparo dos instrumentos, tessitura das tarrafas e redes, o saber “andar” no rio, os locais certos dos lances, as denominações de lances, as relações pessoais e impessoais uns com os outros, o “vigiar” o rio, o pescar, o remendo das tarrafas e redes. Fatores que além de afirmarem a identidade de pescadores deste grupo social, caracterizam a territorialidade construída com os saberes tradicionais.

## **LANCE 1: LANCE FUNDO<sup>2</sup>**

O Ritual da pesca se inicia com os preparativos e cuidados que cada pescador possui com seus instrumentos de trabalho. Instrumentos estes que além de auxiliarem na captura do peixe, representam a identidade de cada pescador. Antigamente a pesca era praticada com uma única modalidade de instrumento, o arpão. Hoje em dia, devido a forte presença do capitalismo e das inovações tecnológicas, juntamente com a demanda de pescadores amadores, existem um maior número de instrumentos que podem ser utilizados na realização da pesca. Contudo, ainda a uma preferência pela tarrafa e pela rede, instrumentais feitos de nylon (plástico resistente), que dão aos pescadores maiores possibilidades de pesca, desde que bem

---

<sup>2</sup> Os subtítulos que se seguem são fragmentos de falas em depoimentos dos sujeitos deste artigo.





utilizados. Ainda que produzidos pelo mesmo material as tarrafas são diferentes das redes, quanto a sua forma de manejo.

*A tarrafa ela é feita de nylon, nylon que eles falam nylon de plástico. Dois metros e meio mais ou menos, e nove palmos. O peso dela depende da linha. Se for zero oitenta pra cima, coloca aí sete quilos. Se for zero noventa, zero cem, oito quilos e duzentos. Quando é zero cem, é cem milímetro, num é cem centímetro não, é cem milímetro, cem centímetro é um metro. (Depoimento do pescador Beto, em entrevista para Ana Flávia Rocha de Araújo – Abril de 2013).*

*Hoje se pesca mais com tarrafa e rede. Mas a rede num cai nunca igual a tarrafa, que são as duas coisas principais. A tarrafa é mais pesada, mais forte. (Depoimento do pescador Edim, em entrevista para Ana Flávia Rocha de Araújo – Abril de 2013).*

A rotina de um pescador inicia-se muito cedo, mesmo os que não estão em atividade. Ao acordarem e iniciarem seus preparativos, a prioridade se volta sempre para a tarrafa, que é uma rede tecida de nylon, um fio bem resistente que possui uma técnica específica para ser produzida. Atualmente, as tarrafas possuem um raio de 1,2 a 3,6 metros, onde envolvem em sua extensão pesos, que são pequenos chumbos que variam de 1,0 a 1,5 kg. Estes pesos são postos em toda a circunferência da tarrafa nas bordas das malhas, que são formas geométricas regulares ou não, que em conjunto formam o diâmetro de toda a tarrafa. Estas malhas por sua vez, variam de tamanho, principalmente no que diz respeito ao tipo de peixe que se quer pegar.

A institucionalização de prever uma Lei que denomine em qual localidade o pescador pode pescar, e qual o instrumento que ele pode usar, já demonstra uma limitação quanto ao *espaço-território*, e em relação a seus conhecimentos ao longo de suas práticas. Ainda que haja leis e demarcações dentro e fora dos espaços da pesca, há em Buritizeiro – MG um território bem demarcado e vigiado por todos os pescadores que atua como um símbolo maior: o São Francisco. “*Todo dia cedo na hora que eu levanto, eu vou para o barranco do rio olhar. Tenho aquele prazer de ficar olhando*” (Depoimento do pescador Edim em entrevista – Abril de 2013).

Nos dias de hoje, a pesca nas corredeiras é realizada por um grupo de homens mais jovens que possuem ou não ligação com os pescadores tradicionais do passado. Porém, as técnicas e o conhecimento de gerações anteriores, são vistos e vividos durante a pesca.

Remendar a tarrafa como dizem os pescadores é um preparo, uma iniciação para todo homem que queira realizar a pesca. Estes o fazem com uma estrutura de madeira que



desempenha o papel de uma agulha, como se estivessem costurando uma roupa. A agilidade com que descem, sobem, vira e aperta o nylon é impressionante. Por ser algo que está presente no seu cotidiano há muito tempo, as mãos que hoje já expressam a dureza do seu trabalho através dos calos, agem de forma espontânea sem nem precisar da ajuda dos olhos para guiarem sua atividade.

O caminho até se chegar ao barranco é muito curto, e durante o trajeto ainda que pequeno, os pescadores já internalizam suas emoções, seus sentimentos, suas religiosidades, permanecendo calados, como quem se prepara para entrar em um local sagrado ou coisa do tipo. Para os pescadores, o São Francisco é muito mais que um espaço de onde vem o sustento; é um território, uma identidade, um ser, é o Velho Chico.

Durante o pequeno trajeto é visível à mudança de cenário. O destino é um barranco, onde atualmente funciona um quiosque, um bar; que além do entretenimento dos visitantes, cria um cenário de lazer e de observação para os próprios pescadores, que passam o dia inteiro, pescando ou olhando para o rio, ou mesmo para os pescadores que estão na pesca.

Ao se chegar ao quiosque, percebe-se a transição do viver cotidianamente para o viver simbolicamente. É possível apreender toda uma expectativa de quem entra e de quem sai do rio. A primeira vista, o cenário é composto por uma determinada quantidade de mesas e cadeiras espalhadas aleatoriamente, que compõem a estrutura de um quiosque em si. Ao lado tem-se um banco feito de cimento bem antigo, onde vários pescadores se sentam para conversarem, jogarem baralho (buraco) e para observarem o rio. A frente deste banco há uma árvore muito grande e muito antiga, com suas raízes expostas, proporcionando uma sombra e frescor convidativos.

Para quem chega ao barranco, à primeira impressão é que o acesso ao rio é muito difícil. De fato, o barranco é muito inclinado e o espaço feito para passagem é muito estreito. Para facilitar o acesso, foi construída uma estrutura em forma de escada, onde ao certo não se pode confirmar a data de sua construção, mas que em seu trajeto fica evidente ser uma estrutura precária e antiga, pois em determinados espaços da sua base há uma alternância de pedaços de concreto e terra batida simultaneamente. *“Toda vida teve o barranco. Agora fizeram de cimento pra nós descermos. Antes nós descia num tinha... era barranco mesmo, fazia a escada no barranco mesmo e sempre em dupla, só a dupla, de dois, sozinho era difícil.”* (Depoimento do pescador Edim, em entrevista Abril de 2013).



Há também o predomínio de uma vegetação rasteira que completa o cenário da parte de cima (a parte superior do barranco). Nesse lugar os pescadores consideram como lugar de vida, passam horas dentro do rio ou em sua margem, e no ir e vir do rio, e no estar entre outros pescadores constroem relações que são representadas na caracterização de “ser do rio, morar no rio, ter medo do rio, viver no rio”.

Analogias que imbricadas com o ato de pescar, revelam o porquê de se pescar e do como se pescar. Pois, de maneira geral, com a afirmação de uma identidade surge também, um conhecimento local, que envolve o cultivo, o *saber-fazer*, e o *saber-cuidar*.

A parte inferior do barranco ou a “parte de baixo” é composta por uma longa tábua de madeira que liga uma extremidade do barranco para dentro do rio. As pedras nas corredeiras são o território da pesca, os pescadores foram construindo seus territórios, delimitando lugares e propriedades de famílias de pescadores nas pedras que possuem denominações, nomes, que foram dadas pelos próprios pescadores, onde a maior parte faz referência a uma maneira de se lançar a tarrafa (lances).

Com a tarrafa nas costas, os pescadores descem o barranco com muita agilidade e rapidez. Antes de entrarem no rio, estes se benzem com o sinal da cruz, como quem passa diante de uma Igreja. Após as bênçãos divinas, os pescadores atravessam a tábua de madeira e entram no rio. De longe, é possível perceber que o conhecimento do rio enquanto um território é muito grande, os pescadores sabem exatamente onde devem pisar, até onde podem chegar. Se o local de pesca for muito distante, os pescadores utilizam do auxílio dos barcos, e para cada localidade, um nome.

*Nós somos o povo do rio e o povo do mato. E tem os momentos em que a gente não pode mexer nisso, que é sagrado. Quer dizer o rio dorme, as águas dormem. O mato também. E quando o pescador ou a pescadora se benze, na verdade ele está pedindo licença pra entrar num espaço que não é dele. A água do rio, os seres viventes lá do rio. Eles são os donos desse território. Então é preciso pedir licença. Quando você chega na casa de alguém, você espera ser convidado. É...em qualquer espaço que você chega, tem um ritual para você se adentrar. E essa questão de se benzer para entrar no rio; tem a questão de você estar entrando num território que você não domina, por mais que se conheça o rio, ali é um território do desconhecido né? Você reza também, porque o pescador esta indo com um objetivo. O objetivo dele é pescar o peixe. Então ele se benze também pra ele ter acesso a esse produto. Mas ele se benze também em respeito à natureza. Eu vejo muito isso. (Depoimento de Arlete do Graal, em entrevista para Ana Flávia Rocha de Araújo – Janeiro de 2013).*



*Eu me benzo pra Deus evitar de acontecer um acidente no rio. Piranha morder a gente, algum peixe furar a gente e machucar. Mas me benzo também pra pesca ser abençoada e eu conseguir pegar um peixe. (Depoimento do pescador Beto, em entrevista para Ana Flávia Rocha de Araújo – Abril de 2013).*

A religiosidade é muito forte e presente dentro do cotidiano pesqueiro. O corpo dos pescadores atua como instrumento básico de demonstrações religiosas, sentimentos e posições sociais. Benzer-se antes e depois de adentra-se em território sagrado, além de comprovar que o rio é território da magia, da natureza, mostra-nos uma atuação com eficácia simbólica por um único motivo, proteção.

Em se tratando de estruturas estruturadas, o ritual “serve para expressar o status do individuo enquanto pessoa social no sistema estrutural” (LEACH, 1996, pg. 74). Considerando a pesca como um ritual e suas fases, há neste conjunto um sistema de códigos que caracterizam a importância e a necessidade de certos símbolos na atuação de sua eficácia.

## **LANCE 2: LANCE DA PEDRA RACHADA**

Conta à história, de que um velho pescador chamado Barnabé Martins foi quem começou a dar nomes às pedras do rio. Entre suas tradições e seus costumes, acabou em instalar nas corredeiras do São Francisco uma nova maneira de pescar, preservando a essencialidade da pesca, que é o seu *saber-fazer*. Entre os ditos e não ditos, os pescadores são conhecidos como uma lenda viva, daquilo que um dia existiu, juntamente com o estereótipo de grandes contadores de histórias.

A principal rua que dá acesso ao barranco para a pesca é hoje em dia chamada de Barnabé Martins. Todos que nela habitam, conheceram ou já ouviram histórias de quem foi este pescador que mobilizou os homens ribeirinhos e caracterizou a pesca no Município.

Em uma conversa informal com uma moradora da rua, pude compreender que a pesca em Buritizeiro – MG ultrapassa as fronteiras do rio. Por ser ilegal em corredeiras, porém, legítima pelos pescadores e moradores, há neste espaço uma coletividade de reprodução da vida, aonde todos se ajudam, independente de qual o motivo. Entre as correrias das batidas da Polícia Ambiental, a existência de uma rota fixa de fuga. Com muita agilidade e rapidez, os pescadores adentram as casas dos vizinhos, saindo em pontos estratégicos de segurança. Para os policiais responsáveis pela fiscalização nas corredeiras a pesca não é uma forma de sustento, e o pescador é visto como um “*cara manso*”.



Discurso que é discutível, dependendo de cada concepção e visão que se queira conhecer a pesca e os pescadores. Por ser um local proibido, as corredeiras possibilitam diferentes concepções a cerca de quem é o homem pescador. Para os que pescam, estes se consideram homens trabalhadores que veem no São Francisco um caminho de sustento e tradição. Para os que atuam na preservação e fiscalização dos rios, a maioria dos pescadores são homens que gostam de facilidade, de coisas práticas. Para os que possuem ligação direta com os pescadores (famílias, parentes e amigos), estes são considerados homens da natureza, que com sua atividade são capazes de levar o sustento (independente de peixe ou dinheiro) para a casa.

O sistema de territorialidade acontece da seguinte forma, cada pescador tem seu horário para entrar no rio, que no decorrer das semanas vão se intercalando, assim como, todos os pescadores que possuem um horário de pesca possuem alguma ligação com o passado. Herdaram esta atividade dos pescadores de *antigamente*, que eram representados por seus familiares, que na maior parte dos casos, eram seus pais e avôs.

Os horários de pesca não são meras escolhas de cada pescador, mas horários fixos, de onde e quando se podem pescar, fatores que estão representados na territorialidade do São Francisco, que segundo Little (2002), a territorialidade se define como “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu território” (LITTLE, 2002, p. 3).

O sistema de utilização das pedras para pescar, é complexo e totalmente compreendido pelo grupo de pescadores. Entre eles é possível vender um lugar de pesca, alugar um lugar de pesca e emprestar o lugar de pesca. No entanto entre os horários de pesca já estabelecidos há um rodízio entre as pedras-lances, que segundo os pescadores é necessário para as águas descansarem e o peixe chegar.

Um fator importante, que não devemos negligenciar na formação de um território é a totalidade das relações efetivadas na noção de territorialidade. Para Raffestin (1980) “De acordo com nossa perspectiva, a territorialidade assume um valor bem particular, pois reflete o multidimensionamento do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pela sociedade em geral”. Os homens vivem ao mesmo tempo o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivas. (RAFFESTIN, 1980, p. 158).

Deste modo, o território recebe uma identidade, não em si mesmo, mas na coletividade de quem nele vive e produz. Cria um “corpo” concreto, contudo, flexível,



dinâmico, contraditório, mutável, que se realizam nas impressões e especialidades próprias de cada território. Pode-se apreender que o território é a produção humana a partir dos recursos disponíveis para a existência de cada indivíduo, originando assim, o espaço como um dos principais recursos para essa dominação.

De hora em hora há pescadores entrando e saindo do rio, até mesmo de madrugada; onde existem pescadores que passam a noite em cima do barranco esperando sua hora ou viajando o “o rio”. Assim, pode - se dizer que o rio passa a ser considerado um território, que é vigiado e cobiçado em todos os momentos.

Importante ressaltar que o São Francisco é um território, um espaço comum que é “dividido ao meio”, podendo haver pesca somente do lado que pertence a cada cidade, no caso das corredeiras de Buritizeiro – MG, a pesca fica restrita ao lado esquerdo do rio. Com as tarrafas sob as costas, os pescadores atravessam a tábua e começam a se deslocarem para os locais de pesca. Dependendo dos lances e das pedras em que vão pescar, estes utilizam o auxílio de canoas para se deslocarem.

Conta à história, de que nos barcos e canoas dos pescadores de antigamente havia carrancas em suas proas com o intuito de afastarem os maus espíritos, imbricando no contexto uma mistura de religiosidades com tradicionalidade.

O jogar a tarrafa ao ar, vai além de uma força braçal necessária. É preciso ter técnica, ter conhecimento, *saber-fazer*. No São Francisco, as técnicas mais utilizadas pelos pescadores são: *terreina* (técnica que utiliza anzol com chumba e linha), *linha e anzol* (linhada), *rodada* (boias de litro de plástico com anzol iscado), *currico*, *currica* ou *colher* (colher com nylon nuns 20 metros de linha), *João Bobo* (É a rodada, põe um anzol numa boia e solta), *Caçador* (uma pedra amarrada numa corda no fundo e coloca uma boia com uma isca), *Canço* (vara simples, sem carretilha), *Pinda* (pode ser solteira ou presa nas costas, é o mesmo sentido que o anzol de galho), *Anzol de Galho* (uma cabaça amarrada num galho com anzol), *Aço* (encosto trilha de dois anzóis em aço, amarrados em um nylon de 30 pra cima), *Grosseira*, *espinhel* (corda com pedra e cabaça e vários anzóis), *corda*, *fisga* (vergalhão), *arrastão* (outra forma de rede), *caceia* (uma forma de rede que não pode passar de 2,0 metros). (THÉ, 2003, pg. 62 a 65).

A liminaridade presente no rito da pesca se dá no processo em que o pescador consegue pegar o peixe. Neste momento, o rito da pesca inclina-se em seu ápice. Ao pegar o peixe, o pescador não só ganha *a luta pela sobrevivência*, mas o seu sustento, seu conhecimento





e sua maior qualidade: saber pescar. O ir ao rio, olhar o rio, entrar no rio, andar no rio, chegar ao seu território de pesca, a pedra, o lance, lançar a rede, aguardar o peixe e pescar o peixe é o que determina a vida desses homens.

### **LANCE 3: ÚLTIMO LANCE DA BERADA**

A pesca em seu âmbito de simbologias possui a capacidade de criar laços, alianças de reciprocidade entre os pescadores e a sociedade, e entre os pescadores e o rio. Pois o rio enquanto um “*ser vivo*”, também cria e recria relações, assim como as criaturas que nele habitam, como é o caso do caboclo d’água que hoje é uma grande estória.

Pescar no *São Francisco* hoje não é como pescar no *Velho Chico* de antigamente. Nos dias atuais, os sistemas da pesca estão mais estruturados em um padrão capitalista; aonde além da práxis permitida na atividade, o lucro passou a vigorar como a única forma de desenvolvimento.

A comercialização dos peixes se intensificou com o passar dos anos. Uma característica desta mobilidade comercial é a Semana Santa no mês de Março. Antigamente durante toda a semana, o que os pescadores pegavam, não eram comercializados e sim doados, pois havia no contexto um respeito e tradição pela religiosidade. Atualmente, nesta semana é onde há uma supervalorização da atividade e dos peixes, e os preços são os mais altos durante toda a época do ano.

Há alguns anos atrás, a pesca era uma atividade de vida e de trabalho nas trocas entre as famílias. Aquilo que não se tinha na dispensa de casa, era legalmente trocado por aquilo que se tinha. O peixe foi uma das trocas mais realizadas, durante as épocas de cheias do *Velho Chico*. Devido às poluições, ao assoreamento, ao vazamento do rio e principalmente as dificuldades já apontadas no que se refere à pesca, o peixe passou a ser um alimento de luxo. O que antes se encontrava em grandes quantidades e alimentava a todos, hoje quase não se encontra e se tornou restrito a uma parcela da sociedade.

Os pescadores estão mecanizados nas estruturas do capitalismo. Ao adentrarem o rio para a pesca, carregam consigo a necessidade de conseguirem capturar o peixe. O que antes era uma dádiva, hoje se tornou obrigação. Sahlins em seu livro “*Cultura e Razão Prática*” (1979) expõe que a dádiva é percebida como um ciclo e não como um ato isolado. Como um ciclo que envolve três momentos: dar, receber e retribuir.



Ao terminarem os horários de pesca, os pescadores devem sair de dentro do rio para deixar os peixes chegarem aos lances. A saída de cada pescador se dispõe de maneiras distintas durante as *travessias* do rio. Eles não voltam para a superfície pelo barranco em que desceram, ao contrário, eles saem por fora do barranco, na parte inferior, aonde muito deles utilizam para se trocarem, subindo o barranco do outro lado, em cima de outro quiosque.

As estratégias de saída do rio ocorrem devido à fiscalização da Polícia Ambiental, por este motivo, eles nunca sobem por onde desceram no intuito de escaparem da fiscalização e *de não serem presos com o peixe na mão*.

À volta para a casa ou simplesmente a saída do rio, pode ser analisada de acordo com cada pesca. Para os pescadores que não conseguiram pegar um peixe, a saída é simples e direta, sem euforia dos companheiros (pescadores). Para os pescadores que conseguiram pegar o peixe, a saída é vibrante e eufórica, envolvendo no contexto para quem será a comercialização do pescado.

Muitos pescadores quando pescam já possuem um destino fixo para o peixe, que vai diretamente para um atravessador, cuja única função é comprar e vender peixe. Outros pescadores ainda vendem seus peixes para outras pessoas diretamente, para casas comerciais como restaurantes e hotéis ou nas feiras e casas onde oferecem de porta em porta o pescado. Poucos para não dizer raros, são os pescadores que consomem na família os peixes ou doam os pescados para outras pessoas, sem fins lucrativos. Isso geralmente acontece, quando as pessoas são consideradas de alguma forma da família.

Apesar da grande mudança e flexibilização que a pesca sofreu durante os anos, ela ainda é uma atividade pautada nos valores, crenças e tradições familiares. Estes processos de reprodução dentro das sociedades ribeirinhas, não ocorrem somente porque os indivíduos (pescadores) se relacionam e pensam o mundo, mas pelo dinamismo e eficácia de forças sociais ativas, ou seja, “a sociedade não é um ser nominal e de razão, mas um sistema de forças atuantes, e a eficácia das ideias e crenças precisam ser incluídas nas reproduções das sociedades”. (PEIRANO, 2001, pg. 92).

Os gestos, as palavras, os signos e significados geram representações sociais que atuam como forças que dão sentido, identificação, pertencimento, linguagens e códigos morais ao grupo social. Com a pesca, as forças atuantes perpassam os instrumentos utilizados, assim como, o conhecimento adquirido e vivido por cada pescador.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesca nas corredeiras do São Francisco ou do Velho Chico como era chamado em tempos de grandes cheias e farturas é uma atividade legítima ainda que proibida. Todos os dias quando os pescadores se arriscam para pescar, eles reafirmam a legitimidade deste “território” através da importância que esta atividade representa em suas vidas.

A pesca como rito pode ser compreendida através de diversas esferas: pré-liminaridade, uma liminaridade e uma pós-liminaridade características da presença de um símbolo dominante.

A pesca por si só, é uma atividade antiga, que em tempos remotos guiava uma economia, o tom de um povo. Uma prática de trabalho das mais tradicionais entre os povos ribeirinhos locais. Atualmente, a pesca continua sendo uma atividade comercial, de vivências, de lucratividade, e também de dificuldades.

Os pescadores não pescam por pescar. *Pescam porque gostam, porque precisam, porque sabem.* Esta seria a maior diferença do grupo social de pescadores de Buritizeiro – MG. Através de saberes como estes, os pescadores construíram uma territorialidade dentro e fora do São Francisco. O fato de cada pedra ter um nome é a maior prova de que o rio se tornou território e territorialidade.

Para quem fica a olhar os pescadores em atividade, a dúvida intrigante de como conseguem *andar* pelo rio, como conseguem se equilibrar dentro das fortes águas que envolvem o São Francisco. Para quem conhece a realidade, *“Eu cresci dentro do rio, sei andar ne tudo. Hoje não pesco mais...mais sei onde fica cada coisa, cada pedra...quando acordo vou olhar o rio todo dia...me acalma”*(Depoimento do pescador Edim em entrevista – Abril de 2013). Conhecimento, estilo de vida.

Cada pescador possui uma história, uma luta, um dilema. Quando entram no rio para pescar, eles vivem intensamente o momento da pesca, independente do que os espera em cima do barranco. Para isso, responsabilidade, representação social.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas; Papyrus, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cerrado, Gerais, Sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos..* Editora cidade, 2010.



- DIEGUES, Antonio C; ARRUDA, Rinaldo S.V. *Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil*. Ministério do meio Ambiente, 2001.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1989.
- GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis. Editora Vozes LTDA; 1978.
- LEACH, Edmond R. *Sistemas políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- LITTLE, Paul. *Anuário Antropológico 2002/2003*. Rio de Janeiro: 2004.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Princípio da Reciprocidade; 2003.
- NOVA, Paulo Bastos Boa. *Guia do Pescador*. CEMIG. Belo horizonte.
- PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. *Travessias – Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas*. Tese de doutorado. UFU, 2009.
- PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A região mineira do Nordeste – Grande Sertão*: Trabalho apresentado no XVIII Nacional de Geografia Agrária – Rio de Janeiro – 06 a 09 de Novembro de 2006.
- PAULA, Andréa Narciso Rocha de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; CLEPS JUNIOR, João. *Pesquisa de campo e em campo, os saberes das histórias de vida em comunidades rurais no sertão de Minas Gerais/Brasil*. In: VII Congresso latino americano de sociologia rural-Associacion latinoamerciana de sociologia rural, Quito: Eguador, 2006, anais.
- PEIRANO, Marisa. *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Relume Dumará. Rio de Janeiro; 2001.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1980.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*, 1979.
- THÉ, Ana Paula Glinfskoi. *O Conhecimento Ecológico, Regras de uso e manejo local dos recursos naturais na pesca do Alto Médio São Francisco – MG*. 2004.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.